

## ESCRITA E PODER NO SATYRICON DE PETRÔNIO E FELLINI.

NEEMIAS OLIVEIRA DA SILVA (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE (UPM)).

### Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar as relações de poder que envolvem o mundo da escrita, da Antiguidade Clássica ao mundo Contemporâneo. A ponte para compreendermos dois mundos tão distintos é realizada por meio da leitura da obra fílmica *Satyricon* do cineasta italiano Federico Fellini, tomando como base a obra literária de Petrônio, escrita no século I d.C. Nessa perspectiva, tanto o escritor quanto o cineasta refletem as condições sociais, políticas, econômicas e culturais de sua época. A arte trabalha com a representação da realidade por meio do imaginário. Assim, no jogo de intersecções entre o Cinema e a História, tanto Petrônio quanto Fellini apropriam-se do real para assim reconstruí-los conforme suas próprias experiências e significações. Dessa forma, as representações dos indivíduos devem ser compreendidas em seu próprio tempo e espaço. O texto literário e a produção cinematográfica encontram-se inseridos num determinado contexto social, da qual eles enfocam e revelam. Assim sendo, para o desenvolvimento desse estudo de caráter interdisciplinar, a metodologia empregada será a análise do material bibliográfico da obra fílmica e literária. Por meio da análise da obra fílmica *Satyricon* de Federico Fellini, verificaremos em que medida as palavras são sinônimos de poder e como a indústria cinematográfica faz uso dessa linguagem.

### Palavras-chave:

Escrita, Poder, *Satyricon*.

O *Satyricon*, obra literária escrita por *Petronius Arbiter* ou *Titus Petronius* (27-66 d.C) é uma das obras literárias mais importantes para se estudar e conhecer o mundo romano do século I d.C. Como romano, Petronius viveu sobre a égide do governo de Nero (54-68 d.C). Assim, Paul Harvey[1] situa Petronius como sendo um cônsul e governador da Bitínia, ocupando posteriormente a convite do próprio Nero o cargo de árbitro de elegância (*elegantiae arbiter*), fazendo parte do restrito círculo de amigos do Imperador.

Tácito, historiador latino descreve Petrônio como um homem refinado e apreciador do luxo. Na vida privada gostava de praticar o ócio, que o preparava para a prática da vida pública, retratando a perversão e a depravação. As informações que nos chegam sobre sua vida pública, mostram que Petrônio era um exímio administrador, característica atribuída a ele em decorrência da sua capacidade de atuar e a influência que tinha no meio Imperial.

Nesse âmbito, por pertencer à elite romana, a leitura de seus escritos devem ser feitas de forma cuidadosa, pois retratam o olhar por vezes oficial da corte do Imperador. Sua obra, *Satyricon*, é escrita em prosa intercalada com versos que narram às aventuras de três personagens trapaceiros, sendo eles, Encólpio, Ascilto e Gíton. Assim, no *Satyricon*, Petrônio vai retratar a vida privada do Imperador, dos prazeres, da vida cotidiana, do vinho, dos banquetes, dos jogos, das orgias, do bacanal, dos banhos públicos, os abusos das termas, nas quais se discutiam política, ostentavam-se fortunas e maquinavam-se assassinatos.

A historiografia moderna ressalta que somente uma pequena parte dessa obra latina chegou ao nosso conhecimento, o episódio mais destacado e estudado no *Satyricon* refere-se ao *Banquete de Trimálquio*, cujo manuscrito foi descoberto no século XVII. Nesse episódio, Petrônio descreve *Trimálquio* como sendo um “novo rico” vulgar, que aceita receber os “aventureiros” para um banquete. Ao falar sobre o acontecimento, descreve o ambiente, as iguarias oferecidas aos convidados, os incidentes grotescos que ocorrem durante o jantar, as conversas cômicas, e a embriaguez de *Trimálquio*. Petrônio relata ainda as histórias contadas por ele, sempre fazendo uso do recurso satírico. Assim, o autor do *Satyricon* acabou sendo condenado ao suicídio em 66 d.C por Tigelino,[2] que acusou Petrônio de conspiração contra o Imperador.

Todavia, o *Satyricon* é uma obra polêmica, o que tem despertado o interesse de muitos estudiosos sobre o assunto, principalmente no que concerne a sua datação, título e autoria.

Ao enfatizarmos estas questões, percebemos o quanto Petrônio era moderno para o seu tempo, apesar de muitos estudiosos tendo levantado dúvidas quanto à datação da sua obra. Seus relatos refletem os anos de 63-65 d.C, por expor características econômicas e apresentar personagens diversos, próprios do seu tempo, tais como, os gladiadores, os novos ricos, os tocadores de liras com suas paródias e sátiras, o que leva-nos a considerá-lo um contemporâneo de seus escritos.

Mesmo tendo chegado ao nosso conhecimento apenas os fragmentos, como bem nos confere o poeta e escritor francês Raymond Queneau na apresentação do *Satyricon*[3], é possível ter uma visão geral da obra, por meio de uma coerência narrativa, a maior dificuldade que se apresenta no que tange aos próprios historiadores, é mapear o que seria “falsificação” e “interpolações”.

Com esse pensamento, o termo *Satyricon* levantou hipóteses sobre o seu real significado. Assim, *Satyrikos*, *Satura*, *Satirae* ou *Saturae*, são formas latinas híbridas greco-romanas, que representavam aqueles que viviam do prazer sexual, a forma latina caracterizava-se como um meio de exegese da sociedade romana, de poder interpretá-la e compreender os indivíduos oriundos de seu próprio contexto social.

Nesse sentido, ressaltamos ainda que, no final do terceiro século a.C., os escritores romanos desenvolveram um estilo literário próprio, sendo elas a poesia instrutiva, a História e a *Sátira*. Universalizada, popularizada e perpetuada, a sátira seria o instrumento de manejo mais plausível e acessível diante dos “instruídos políticos”.

A *sátira* induz ao interesse genérico e literário, despertando a curiosidade para estudos relacionados aos usos e costumes, festas, características físicas, assuntos políticos e morais.

Assim, no campo literário, a sátira faz uso do recurso da comicidade com base em caracteres da representação daquilo que poderia ser o “grotesco”. Este “grotesco” seria consequência direta do emprego de figuras de linguagens, tais como a hipérbole. Petrônio nos conduz às manifestações sociais e ao panorama cotidiano dos romanos, construindo um roteiro que vai além do literário, expondo profundas reflexões sobre a filosofia da história, da crítica sociológica e dos diversos conceitos satíricos. A arte literária que visa “censurar ou

ridicularizar” traz na língua latina seus instrumentos de comicidade, fazendo parte os trocadilhos, os paradoxos, o estilo arguto e a ironia. Particularmente, o lúgubre panorama que Petrónio traça de Roma é demonstrado pelo seu estilo natural, direto e agudo. Revelando-se uma pessoa crítica da sociedade romana, do meio em que se encontrava e de sua própria condição de poeta.

Levando em consideração o subjetivismo e a experiência social de Petrónio, passamos a questionar o que os seus escritos nos informam. Assim sendo, utilizamos o discurso *Satírico* para extrair temas que denunciam o comportamento do homem romano buscando compreender as relações políticas no interior desta sociedade.

A linguagem empregada por Petrónio chama a atenção sobre sua própria existência material composta por uma narrativa própria, de interação entre texto e contexto. Suas palavras podem ser usadas como expressão de pensamentos, objetos e sentimentos que foram representativos de seu tempo, isto é, século I d.C.

Sublinhamos ainda que, imersos a essa visão teórica, a obra literária *Satyricon* não é um romance realista, pois se apresenta como um discurso satírico, com caracteres lingüísticos específicos, tais como o emprego de paródias, com discursos cômicos e irônicos.

Com base nessas afirmações, a obra mostra-se como um “retrato” teatral da vida romana na época de Nero. Ao expor os diálogos do banquete de Trimálquio, Petrónio nos oferece subsídios para compreender o modo em que viviam as camadas mais baixas da corte do Imperador, principalmente ao expor as expressões e as gírias latinas do período Imperial. O romance é narrado em primeira pessoa, pelo personagem Encólpio, que juntamente com Gíton viajam pela Itália sem um destino definido, perseguidos pela ira do deus Príapo, que o torna impotente pela difamação ao culto do “deus menor”.

O *Satyricon* constitui um importante documento histórico para se compreender as minúcias da vida do povo romano, da expressão da alma popular latina por intermédio dos contos populares, dos mitos e símbolos, das lendas, das canções, do folclore. Porém, mesmo o *Satyricon* sendo uma obra fragmentária, serve como um importante referencial para compreendermos a cultura da sociedade romana, principalmente para o estudo dos “excluídos”. Petrónio inova a literatura latina ao dirigir seus olhares para os mais diversos extratos da sociedade do período do principado romano, por meio do referencial da fonética latina, isto é, do “latim vulgar”.

Assim, mediante os diferentes olhares sobre os diferentes ângulos da obra, construímos a nossa própria realidade sobre o olhar de Petrónio, sempre atento às fronteiras do anacronismo e das incoerências da formação do texto histórico. O uso de uma metodologia apropriada, específica é que permite o inovar da obra literária do *Satyricon* que sobrevive há mais de dois mil anos, sempre propondo a cada estudo uma nova forma de compreender não

somente a Roma de Petrônio, mas os alicerces da sociedade moderna ocidental. Para isso, consultamos as reflexões de Cláudio Aquati (AQUATI, 2008) e do pesquisador René Martin (MARTIN, 1988) [4] respectivamente:

Em relação a tradições literárias mais cristalizadas, o *Satyricon* inova ao promover mudanças nas ações e emoções do herói, que perde todo o senso sociopolítico e permanece com os valores pessoais individualizantes, isto é, sem se importar com qualquer significado para a coletividade. Ao assumir outra perspectiva ideológica, Petrônio constrói uma obra que explora justamente as perturbações das relações humanas. (p: 235)

O que ele pinta é a realidade de seu tempo; mas ele a via, como todo criador, através do prisma de sua própria sensibilidade; ele procede, o mais freqüentemente, à maneira de um caricaturista, aumentando os traços e acentuando as características. (p: 239)

Assim, a obra de Petrônio representou um confronto às idéias tradicionais, principalmente no que se refere à história da literatura antiga. Sua herança literária pode ser verificada nos escritos do literato francês Gustave Flaubert em *Madame Bovary*, do escritor francês Jacques Anatole François Thibault, do romancista Joris-Karl Huysmans, do poeta irlandês William Butler Yeats e do escritor Oscar Wilde; bem como do escritor francês Eugène Marcel Proust, do poeta e músico Ezra Pound, da escritora James Joyce, do poeta modernista e crítico literário Thomas Stearns Eliot, do escritor norte americano Henry Miller, do escritor Louis-Ferdinand Céline, Aldous Huxley, também do escritor estadunidense Francis Scott Fitzgerald e do romancista Gore Vidal.

O *Satyricon* também pode ser conferido no campo cinematográfico por Federico Fellini, que ao fazer uma releitura do passado, usa de uma liberdade única, deliberada pela crítica cinematográfica italiana como *felliniana*, pois mesmo usando de um esboço da realidade de seu tempo, Fellini mantém aspectos originais da obra de Petrônio. A produção data de 1969 e apresenta um convite a recompor o passado clássico por meio do mundo moderno, o da cinematografia.

Ao analisarmos uma produção cinematográfica em consonância com a obra literária, salientamos a necessidade de se pensar nas particularidades do texto verbal e de um não-verbal. Para compreendermos o jogo existente entre Escrita e Poder no *Satyricon* propomos o estudo da relação autor, público e obra.[5]

Com esta visão, passamos a tecer o *Satyricon* de Fellini, como um mediador do mundo Clássico ao Contemporâneo, da busca pela intertextualidade, da leitura da obra clássica por meio da produção

fílmica, evidenciando novas abordagens de leitura do passado romano e da singularidade do mundo moderno; o foco para transitarmos entre um período e outro passa a ser o cineasta: Federico Fellini. Nessa linha de pensamento, circunscrevemos Federico Fellini. Assim, Federico Fellini nasceu em Rimini, na Itália, em 20 de Janeiro em 1920, uma pequena cidade litorânea, na qual viveu até os seus 17 anos, cidade esta que lhe serviu de inspiração para muitos de seus filmes, tais como: “*Os Boas-Vidas*” e “*Amarcord*”.

Fellini foi considerado um gênio dentro do mundo cinematográfico, em decorrência da sua criatividade ilimitada, que tornava seus pensamentos e delírios como algo próprio da nossa imaginação. Essa característica acabou virando adjetivo, conhecida também como “*felliniana*”, que designava mulheres de seios fartos, rostos grotescos e imagens circenses.

Casado com a atriz Giulietta Masina desde 1943, esta tinha sido estrela de sete de seus filmes. Esposa e companheira, Giulietta acabou morrendo de câncer em 23 de Março de 1994. Federico Fellini, abatido pela doença da mulher, faleceu no dia 31 de Outubro de 1993. Ao retratar assuntos “Clássicos”, como fez com *Roma Antiga*, utilizou-se de um certo tom de liberdade. Na obra *Satyricon*, desenhou uma Roma que existia somente em sua imaginação. Para Fellini, tanto a literatura do *Satyricon* de Petrónio, como o cinema devem ser compreendidos inseridos em seu próprio tempo e espaço, o que nos revela que o cineasta pertencia ao mundo onde foi concebido, ou seja, o mundo do cinema, da “imagem em movimento”.

A biografia de Federico Fellini é permeada de contradições, entretanto a certeza que temos é quanto à aproximação de Fellini com o imaginário, recurso este que vai buscar em fontes literárias. A relação de Fellini com a Literatura e o Cinema pode ser verificada em sua leitura do *Satyricon* de Petrónio.

Com isso, o cineasta releu o *Satyricon* de Petrónio, enquanto se recuperava de uma pleurisia em Manzanica. Instigado pela leitura do Clássico, Federico Fellini passou a compor sua visão frente à obra do mundo antigo. A produção do filme ocorreu sobre a atmosfera das drogas alucinógenas e da ficção científica da década de 60. A utilização da ficção científica no filme de Fellini se mostra por meio da inserção da banda desenhada das histórias de Alexander Raymond através do personagem *Flasch Gordon* que serviu de inspiração para criar filtros de várias cores com diferentes tipos de película.

*Satyricon* foi filmado entre Novembro de 1968 e Maio de 1969, em um ambiente de experimentação, polisssexualidade e de auto-descoberta. O movimento *hippie*, convencionalmente denominado de movimento de contracultura da década de 60, representava a ideologia do filme, caracterizado pelo espírito de liberação e da abstração das conseqüências dos atos. No *Satyricon* de Fellini tudo era válido.

O filme se entrelaça por meio de dois jovens romanos, Encolpio (Matin Potter) e Ascilto (Hiram Keller), que acabam sendo raptados por um pirata e escravizados em um navio. Ao serem libertados, realizam variadas conquistas sexuais. Nesta aventura sexual Encolpio acaba sendo capturado e forçado a lutar com um Minotauro. Este fato torna Encolpio impotente, fato que percebe no momento em que se envolve com Ariadne. Para resolver o problema de sua impotência, Encolpio faz uma visita ao Jardim dos Prazeres e depois a Oenothea, que lhe devolve sua potência sexual. O filme termina com a morte de Ascilto e com a decisão de Encolpio embarcar para a África. As cenas finais mostram os preparativos da viagem.

As cenas do filme de Fellini se constituem como uma crítica a sociedade romana contemporânea. Para o diretor, os romanos do período do principado como os romanos da *Via Veneto* de seu período tinham uma vida vazia e sem sentido. Nesta teia das relações humanas, tanto no filme de Fellini quanto na obra de Petrônio, o desfecho se cruza através das falas dos personagens. Ambos terminam em meio a uma frase. Encolpio e outros personagens são transformados em um afresco. *Satyricon* de Fellini é um filme de formato cíclico, com imagens semelhantes no princípio e no fim, tal como Fellini já tinha feito em *O Conto do Vigário* e *A Estrada*.

No ano de lançamento do filme *Satyricon*, os críticos afirmaram que não era uma obra que chamava muito a atenção, apesar das cenas de orgias, dos banquetes e da violência. O filme causava certo tédio ao espectador. Ao contrário de *A Doce Vida*, todo o filme foi filmado para que o público não se identificasse com os personagens principais, fato caracterizado pela música em estilo diegético. Mesmo Fellini tendo a pretensão de fazer do *Satyricon* um documentário do mundo romano Antigo, o mesmo passava longe das características históricas, aproximando mais do mundo de fantasias do cineasta.

Este filme em particular foi o mais caro de Fellini, na qual foram utilizados 90 cenários, construídos todos no Cinecittà. Cerca de 250 atores compunham o mosaico do mundo romano do período Imperial montado por Fellini nos estúdios. A estréia da obra fílmica ocorreu nos Estados Unidos, depois de um espetáculo de Rock no *Madison Square Garden*. O filme foi apresentado para um público de aproximadamente dez mil hippies drogados e enrolados uns aos outros. Segundo especialista em cinematografia, o filme de Fellini tinha atingido o seu público alvo, sendo um filme para adolescentes, como classificou o United Artists. Todavia, mesmo perante todas as críticas, *Satyricon* foi indicado ao Oscar pela originalidade e pela realização, sendo aplaudido em todo o mundo pela criatividade no conjunto da obra. Assim sendo, Fellini foi atraído pela obra de Petrônio por sua natureza fragmentária. Além de ser um filme que reflete muito do cineasta, também é um filme com um viés histórico. As dificuldades em se realizar um filme que tem como referencial uma obra literária condiz com a própria reconstrução de seu período, que para Fellini era algo impossível. *Satyricon* não seria um filme propriamente histórico, apesar de se referir a um determinado período do mundo Clássico, mas um filme de ficção sobre o passado

histórico, delimitado pelo Alto Império Romano. A obra de Fellini não mostra uma Roma como ela era de fato, mas uma Roma pagã imaginada pelo artista.

O trabalho cinematográfico busca pelo viés do imaginário resgatar o homem romano que tinha se perdido no tempo. Fellini faz esse jogo, de ser contemporâneo e buscar na arqueologia o homem antigo por meio do homem moderno. A distância que nos separa do mundo antigo é amenizada com recursos da fantasia.

Dessa forma, "Escrita e Poder no Satyricon de Petrónio e Fellini" nos revela a importância da manutenção do Latim no Alto Império Romano, até mesmo como um requisito para a obtenção da cidadania romana. Todo estrangeiro almejava tornar-se um cidadão legítimo romano e mesmo entre as camadas sociais mais baixas, o latim era empregado para designar uma condição social. Por meio desta divisão social existia também uma divisão lingüística, o latim vulgar era a "língua das ruas", das massas, da *plebs*, composta por escravos, estrangeiros e soldados, como podemos verificar no *Banquete de Trimálquio* no Satyricon. Após a queda do Império Romano e a Invasão Bárbara, foi o latim vulgar que tornou-se a língua corrente, dando origem as modernas línguas românicas, entre elas a Língua Portuguesa.

## **Referências Bibliográficas:**

### ***1 Referências Fílmicas:***

*SATYRICON*. Direção: Federico Fellini. Produção: Alberto Grimaldi. Roteiro: Federico Fellini, Brunello Rondi, Bernardino Zapponi. Elenco: Martin Potter, Hiram Keller, Max Born, Salvo Randone, Mario Romagnoli. França-Itália, 1969:138 MIN

### ***2 Obras de Referências, dicionários e verbetes citados:***

ALFÖLDY, G. *História Social de Roma*. Lisboa: Presença, 1989.

AQUATI, C. "Posfácio". In: PETRÔNIO. *Satíricon*. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p: 223-239.

AUMONT, J; MARIE, M. *Dicionário teórico e crítico de cinema*. Campinas: Papirus, 2003.

CÂNDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 7ª ed. São Paulo: Nacional, 1985.

DIHLE, A. *Greek and Latin Literature of the Roman Empire*. Londres: Routledge, 1994.

FAVERSANI, F. *A pobreza no Satyricon de Petrônio*. Dissertação de Mestrado. USP (S.P), 1995.

FELLINI, F. *Fellini Satyricon*. Bologna: Cappelli Editore, 1969.

GARRAFONI, R. S. *Bandidos e Salteadores: Concepções da Elite Romana sobre a Transgressão Social*. Dissertação de Mestrado. Unicamp (S.P), 1999.

GARNSEY, P; SALLER, R. *The Roman Empire: economy, society and culture*. London. Duckworth, 1987.

HARVEY, P. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica Grega e Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

MARTINS, L. R. *Conflito e Interpretação em Fellini: construção da Perspectiva do Público*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Instituto Italiano di Cultura, 1994.

MARTIN, R. “La ‘Cena Trimalchionis’: lês trois niveaux d’un festin”, v.3. In: *Bulletin de l’association Guillaume Budé*, 1988.

MARTIN, R. *Le Satyricon Pétrone*. Foundateurs Textes. Paris: Ellipses, 1999.

PARATORE, E. *História da Literatura latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

PETRÔNIO. *Satyricon*. Tradução de Paulo Leminski. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

PETRÔNIO. *Satíricon*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

QUENEAU, R. “Apresentação”. In: PETRÔNIO. *Satíricon*. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p: 7-10.

REQUEJO, J. M. *Introducción general & Introducción*. In: TÁCITO, C. *Diálogo sobre los oradores*. Madrid: Editorial Gredos, 1999.

SILVA, N. O da. *O Clientelismo nas Sátiras de Décimo Júnio Juvenal*. Maringá: UEM, 2003. (Iniciação Científica)

SOUSA, G. De Melo e. “Fellini e a Decadência”. In: *Exercícios de leitura*. São Paulo: Duas Cidades, 1980.

SUETÔNIO. *A vida dos doze Césares*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

SCHMELING, G. “The Satyricon of Petronius”. In: *The Novel in the Ancient World*. New York: E.J. Brill, 1996.

TÁCITO, C. *Anais*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

VEYNE, P. “Le ‘ je ’ dans le *Satyricon*”, v. 42. *Revue des Études Latines*, 1964.

WALSH, P.G. *The Roman Novel*. Grã-Bretanha: Cambridge University Press, 1995.

WIEGAND, C. *Federico Fellini: A Filmografia Completa*. Paris: Taschen, 2003.

WYKE, M. *Projecting the past: ancient Rome, cinema, and history*. New York: Routledge, 1997.

---

[1] Cf. HARVEY, P. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica Grega e Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

[2] Ofônio Tigelino foi um político romano de origem grega, que exerceu o cargo de prefeito do pretório (62 d.C) sendo um influente conselheiro do imperador Nero.

[3] Neste estudo optou-se por utilizar como fonte a obra literária PETRÔNIO. *Satyricon*. São Paulo: Cosac Naify, 2008. Sobre Raymond Queneau, vejamos: “Sem chegar a pensar (como Bürger e Bloch, além de mim mesmo, aliás) que só nos resta a trigésima quinta parte, os mais otimistas calculam que nos faltem pelo menos dois terços do *Satyricon*.” Cf: PETRÔNIO. *Satyricon*. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p: 09.

[4] Cf: MARTIN, R. “La ‘Cena Trimalchionis’: lês trois niveaux d’un festin.” In: *Bulletin de l’association Guillaume Budé*, vol. 3, 1988, p: 239, Cf também: MARTIN, R. *Le Satyricon Pétrone*. Foundateurs Textes. Paris: Ellipses, 1999, p: 232-234.

[5] A relação autor, público e obra nos permitem conhecer o vínculo que o autor tem com o meio social que o envolve. Como já destacou o poeta e crítico literário Antônio Cândido, existe um jogo permanente entre eles: “[...] O escritor vê apenas ele próprio e as palavras, mas não vê o leitor; que o leitor vê as palavras e ele próprio, mas não vê o escritor; e um terceiro pode ver apenas a escrita, como parte de um objeto físico, sem ter consciência do leitor nem do escritor. Isso pode fazer com que o escritor suponha irrefletidamente, que as únicas partes do processo sejam a primeira e a segunda; e o leitor suponha que o processo consiste na segunda e terceira; e um crítico irrefletido, que a segunda parte é tudo [...]. Mas a verdade básica é que o ato completo da linguagem depende da interação das três partes, cada uma das quais, afinal, só é inteligível [...] no contexto normal do conjunto.” Cf: CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Nacional, 1985, p: 38 e 39. Não podemos esquecer que toda produção literária está vinculada ao mundo onde foi criada e conhecida. Sendo assim, a trilogia autor, público e obra

nunca devem estar desvinculados, o texto e o contexto interagem entre si, e a condição social do autor é um fator preponderante.